

Nossa arqueologia: uma ciência em luta contra a burocracia

Texto: Fernanda d'Oliveira
Fotos: Maurício Coutinho



O laboratório, na UFPE, tem enfrentado dificuldades, devido o corte de verbas

Recife, sexta-feira, 16 de maio de 1980

Desde muito cedo Marcos Albuquerque se interessou por problemas ligados à origem do homem. E, sendo assim, há quinze anos ele está dedicado as pesquisas arqueológicas em nosso Estado, vencendo as distâncias do Interior de Pernambuco, com sua equipe, num trabalho de campo, estudando nossos grupos pré-históricos. "Entretanto — diz ele — toda essa dureza de trabalho poderia ser atenuada, caso não tivéssemos que enfrentar a batalha da burocracia. Não é fácil ao burocrata entender, numa prestação de contas, a inclusão de comida para um jumento, da ausência de CGC ou mesmo de nota de uma fatia de jirimum ou um quilo de feijão, a ausência de CPF de um operário eventualmente contratado. Tudo isso em uma área onde, muitas vezes, se desconhece que existe um poder central que governa o País".

No 11º andar do Centro de Ciências Humanas da UFPE, está o Departamento de História, ao qual pertence o Laboratório de Arqueologia. Existindo de fato, mas não de direito, este laboratório tem enfrentado algumas dificuldades devido as curtas verbas. Porém, acima destas dificuldades está o mundo de Marcos: uma sala ampla, limpa, com alguns esqueletos e milhares de partes de utensílios usados por civilizações antigas. Na opinião do professor Paulo Miranda, diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o trabalho de Marcos Albuquerque é muito sério, com pesquisas realizadas no Recife, Interior do Estado, Montes Guararapes, Tejucupapo e Itamaracá, entre outros.

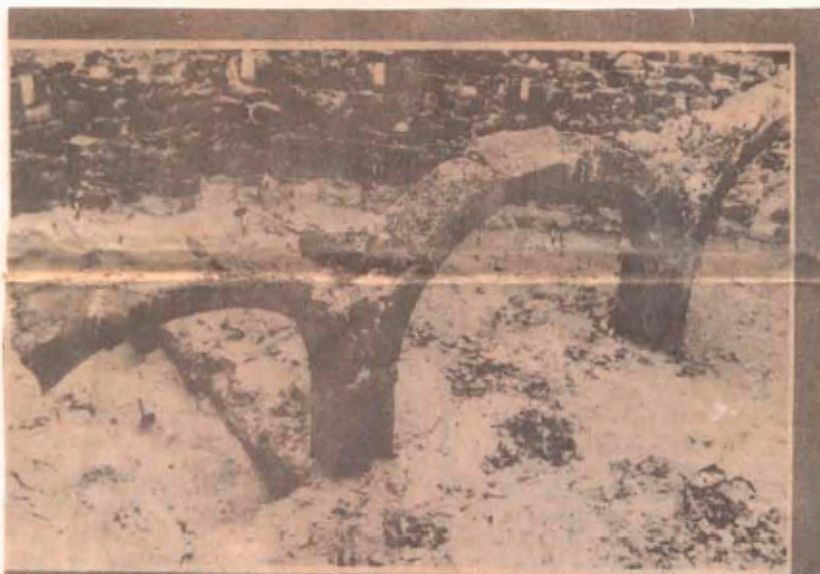
Ele reconhece que o Centro de Ciências Humanas não oferece uma boa ajuda ao Laboratório, em termos financeiros. "Se o laboratório não existe, de direito — explica — não há condições de carrear verbas. A ajuda que dou é, às vezes, de um material de que Marcos precisa, é o espaço físico, é a saída para as pesquisas. Na verdade damos muito pouco, mas é em face desta situação. Eu e o professor Potiguar Matos, chefe do departamento de História, temos lutado muito para que o laboratório exista de direito, tenha uma personalidade jurídica própria, e isto é de competência da Reitoria. Eu e Potiguar podemos ajudar o laboratório apenas extra-oficialmente".

ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO HOMEM

Problemas burocráticos e jurídicos a parte, o professor Marcos Albuquerque faz uma síntese de seus quinze anos de pesquisas desenvolvidas em Pernambuco, definindo, ainda, os tipos de Arqueologia que, segundo ele, como qualquer área do conhecimento atual, sofreu a necessidade de uma grande especialização. "Basicamente, temos a arqueologia pré-histórica, a arqueologia clássica e a arqueologia histórica; ramos bem distintos do conhecimento arqueológico. Entretanto, cada uma dessas grandes áreas poderá ser dividida em um sem número de especializações".

No caso da arqueologia pré-histórica, ela poderá estar mais voltada para o estudo das primeiras manifestações culturais do homem, confundindo-se, em alguns casos, com a paleoantropologia. "Ainda no campo da pré-história — continua o professor-pesquisador — poderão ser enfocados os grupos pré-cerâmicos de economia coleitora, ou ainda os grupos de economia agrícola. A formação e modificação das comunidades humanas. A arte pré-histórica. Enfim, toda uma gama de enfoques tanto cultural, como econômico, ecológico, religioso, entre outros".

A arqueologia clássica, por sua vez, possui como tema



Os trabalhos de Marcos Albuquerque e equipe vêm sendo realizados em todo Interior e na área metropolitana

para a história de Pernambuco. "Destaco a feitoria de Cristóvão Jaques, de 1516 — ressalta Marcos Albuquerque — primeiro ponto de contato oficial dos grupos europeus com o indígena de Pernambuco. Neste Sítio foi identificado desde o primeiro contato até a fixação do europeu, e o afastamento indígena. No Forte de Orange, durante as escavações, foram encontrados diversos sepultamentos de oficiais (alguns dos quais já se encontram no laboratório) condecorados e ainda com restos de tecido do fardamento, de soldados, além de fardo material bélico.

"Outro Sítio escavado foi o Arraial do Bom Jesus, mandado construir por Matias de Albuquerque, em 1630. Neste Sítio, foi localizado um fosso seco que circundava a fortificação, além de material bélico e cerâmico. Foi escavado, ainda, o reduto de Tejucupapo, e localizado todo o fosso que o circundava, fora o material de procedência europeia e indígena. Escavamos, também, os Montes Guararapes, onde localizamos inúmeros sepultamentos pertencentes, provavelmente, aos primeiros soldados brasileiros. Estes esqueletos foram encontrados, basicamente, em três tipos de sepultamento: em posição tradicional, mãos cruzadas sobre o tórax, e em covas individuais; sepultados em covas coletivas os corpos que entraram em rigidez cadavérica, provavelmente após os combates; e em covas individuais, restos que eram encontrados posteriormente, já em estado de decomposição, estes desarticulados".

Atualmente, o professor Marcos Albuquerque e seu grupo de pesquisa estão desenvolvendo um projeto que visa o estudo de grupos pré-históricos da chamada "Cultura da Floresta Tropical". São grupos ceramistas, portadores de uma agricultura. "Estamos, no momento, trabalhando no município de Quipapá onde foram localizados três grandes Sítios arqueológicos. O material proveniente destes Sítios já se encontra sendo submetido a análise de laboratório. Estamos, além dos padrões de povoamento, procurando observar as modificações sofridas por estes grupos quando entraram em contato com a periferia da mata e início da caatinga. De um modo geral, todos os trabalhos desenvolvidos atualmente no Brasil buscam interesses mais amplos e, quase sempre, se interligam entre si, numa tentativa de uma explicação mais global, acerca do homem pré-histórico no Novo-Mundo".

central de suas especulações as chamadas civilizações clássicas, abordando-as também sobre vários enfoques. Finalmente, a arqueologia histórica estuda arqueologicamente restos materiais de grupos humanos já pertencentes ao período pré-histórico. "O campo de trabalho do arqueólogo — explica Marcos Albuquerque — dependendo do grupo estudado, poderá ser em terra firme ou nas águas. Neste último caso, recebe a denominação de arqueologia submarina".

INTERESSE PARA A HISTÓRIA DO BRASIL

Nos quinze anos de pesquisas desenvolvidas por este professor, existiram atividades em diversos campos. "Na arqueolo-

gia pré-histórica, vimos grupos pré-cerâmicos de economia coletora. Foram localizados e escavamos inúmeros Sítios arqueológicos pertencentes a grupos que habitaram o Nordeste do Brasil em período bastante recuado (alguns milhares de anos, além de grupos ceramistas, portadores de uma agricultura incipiente, e consideravelmente mais recentes que os anteriores". Quanto à arte rupestre, manifestações artísticas foram encontradas, gravadas ou pintadas, preferencialmente, em cavernas.

No campo da arqueologia histórica, foram trabalhados diversos Sítios de grande interesse para a História do Brasil, de um modo geral e, particularmente,